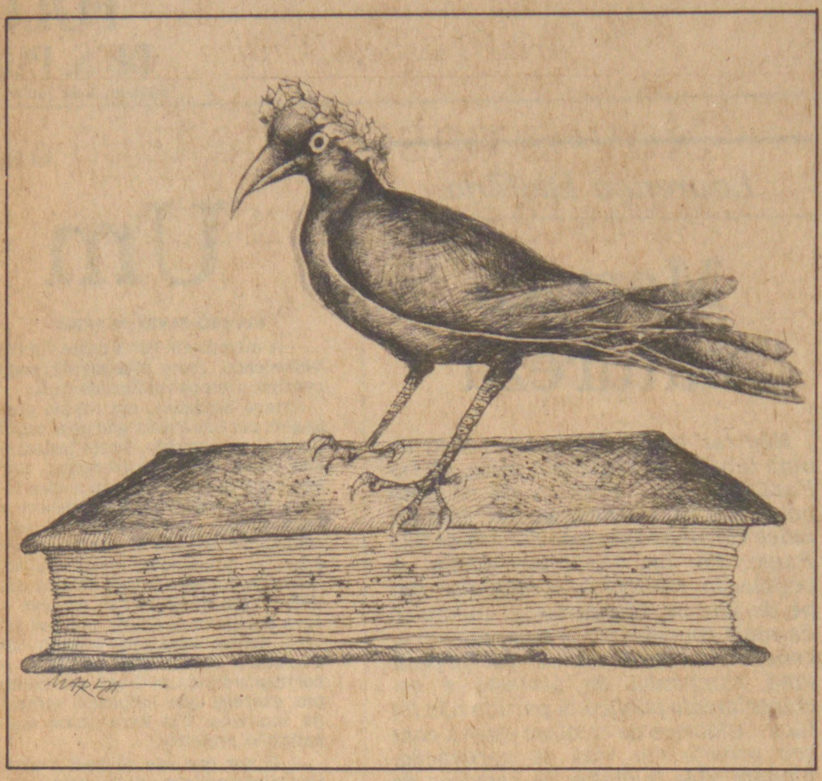
CMP 1.2.2.144

Folha de São Paulo · Sábado, 7 de junho de 1980



O fim de Camões

Rogério Sganzerla

O Poeta faleceu num pobre leito ou miserável catre em uma pobre casinha em que vivera na Mouraria, perto do mosteiro de freiras franciscanas da invocação de Santa Anna, segundo uns; ou num hospício, segundo outros; ou, ainda, em uma casa de pousadas ou asilo, segundo a tradição recolhida por Faria e Sousa. A triplicidade destas indicações talvez possa ser explicada do seguinte modo: o poeta adoeceu na sua própria morada, a humilde casinha da Mouraria; Dona Anna de Sá, que devia ser pelo menos septuagenária, não tinha forças para tratar do enfermo e é bem possível que também estivesse adoentada. Eis porque o levaram a uma casa de pousadas, que o cuidado de caritativos religiosos transformara em hospital naqueles dias de tremenda peste. O poeta mortalmente ferido e sem esperança de recobrar a saúde levou consigo o seu único troféu, um exemplar dos "Lusíadas"! Assistiu-lhe com socorros religiosos administrando-lhe o sacramento um carmelita descalço, frei Josepe Indio, talvez conhecido seu do tempo de sua expatriação. Depois de comungar pela última vez entregou ao sacerdote o exemplar dos "Lusíadas" que levara consigo. E o religioso, que cerrou os olhos do cadáver e o benzeu escreveria na primeira folha do precioso volume as palavras seguintes em castelhano:

— "Que cosa mas lastimosa que ver un tan grande genio mallogrado! Yo lo bi morir en un hospital en Lisboa sin tener una sabana con que cobrirse, después de aver triunfado en la India Oriental, de aver navegado 5.500 leguas por mar! Que aviso tan grande para los que de noche y dia se cançam, estudiando sin provecho, como la araña en urdir telas para cazar moscas".

O enfermo não tinha lençol com que cobrir-se. Faltava-lhe portanto a mortalha com que descer à cova. Da casa dos Condes do Vimioso, talvez da parte de D. Francisco de Portugal, ou de seu tio D. Manuel, o magnânimo protetor do poeta, é que lhe veio esta última esmola piedosa. Sem salmos nem acompanhamentos, levaram o corpo morto embrulhado porque nem caixão teve, à próxima igrejinha de Santa Anna, onde foi lançado apressadamente, como outros mortos de peste, no carneiro subterrâneo, está claro que sem porem sinal algum em que mais tarde fosse possível reconhecer o cantor dos "Lusíadas", o imortal glorificador de Portugal. O dia da morte e certamente do enterro era uma sexta-feira, 10 de junho de 1580.

D. Carolina Michaélis de Vasconcelos diz que foi o camonista Souza Botelho, o Morgado de Mateus, quem encontrou aquela preciosa nota do frade carmelita: "Enfim levaram-no ao hospital em que se curam os pobres: e ali faleceu, no ano de 1579, em tal esquecimento, que até se ignora o dia e mês em que acabou a vida (provavelmente no início do ano). Não pode mais duvidar-se que foi este o seu trágico fim, como refere Diogo Barbosa, porque no original de Lord Holland, que tenho presente e que pertenceu a um Frey Josepe Indio que o deixou no convento dos Carmelitas descalços de Guadalajara, acho confirmada esta opinião no que este religioso escreveu de sua letra na primeira folha, aonde diz como testemunha ocular".

O túmulo exato de Camões nunca foi encontrado: colocado o seu cadáver juntamente com outros no mesmo carneiro subterrâneo da igreja de Santa Anna, sem caixão, sem a menor indicação que servisse aos pósteros, muito tempo aí esteve esquecido.

Várias tentativas foram feitas para encontrar os restos mortais de Camões. A comissão presidida por Joromenha só encontrou muitos ossos. Certa de que entre esses estariam os do poeta, mandou guardá-los todos num caixão que ficou depositado no coro das freiras de Santa Anna, a 15 de maio de 1855. Storck não aceita que tivesse o fidalgo encontrado os restos mortais de Camões: "... direi que na minha opinião foi impossível encontrarem os ossos, porque uma sepultura privativa nunca existira. E esta circunstância obrigou o admirador do poeta, que desejava honrar sua memória, a colocar a lápide com a inscrição comemorativa em um sítio qualquer que fosse bem visível, isto é, no meio (ou perto do meio) da igreja. A este primeiro epitáfio foi acrescentado outro em disticos latinos e mais tarde uma quintilha portuguesa, cercada de azulejos. Tudo isso desapareceu quando com o terremoto de Lisboa de 1755 veio abaixo a igreja de Santa Anna (Aqui jaz Luis de Camoens/Principe/Dos Poetas de seu Tempo;/Viveo pobre e miseravelmente/ E assi morreo/ Anno de M.D. LXXIX.)

Para falar mais completamente da dor — imensa e irreconhecível parto à uma reflexão histórica d'além-mar, sabendo que D. Pedro 2.º não cansava de exibir aos seus convivas o exemplar de "Os Lusíadas" que teria pertencido à seu autor e Portugal — não mais aquela que teria celebrado em verso — fez o possível para extinguir o seu maior cantor.